

ASPECTOS DA ACTUAL GEOGRAFIA INGLESA

1 — INTRODUÇÃO

A nossa preocupação neste artigo é a de assinalar, nas novas tendências da geografia inglesa, aqueles aspectos que nos parecem mais curiosos, por fugirem à tradição da escola da geografia francesa; escola que, até há bem pouco tempo, serviu de padrão à geografia portuguesa. Contudo, convém salientar que, apesar da corrente inovadora que desde a década de 60 percorre a geografia inglesa, subsiste um volume importante de trabalhos e publicações sobre temas regionais, embora a maioria dos estudos seja elaborada segundo a óptica quantitativa. Neste artigo focaremos sobretudo a Geografia Humana praticada na Grã-Bretanha. As considerações aqui apresentadas são fruto da nossa experiência pessoal (um ano de investigação no departamento de Durham) e de várias leituras e contactos havidos sobre o assunto.

As novas tendências da geografia inglesa devem ser avaliadas e compreendidas, atendendo à estrutura actual do ensino universitário, aos meios de financiamento de que a investigação geográfica dispõe e à necessidade de obter solução para os problemas da sociedade onde a própria instituição universitária se insere.

Dum modo geral, a geografia inglesa caracteriza-se por uma dicotomia acentuada entre a geografia física e a geografia humana, apesar de várias teorias que ultimamente têm aparecido sobre a unidade da Geografia, e da utilização em comum das mesmas técnicas de análise espacial; por uma expansão rápida e uma penetração profunda da metodologia quantitativa; por uma tendência crescente para a formação

de geógrafos especializados em temas cada vez mais restritos; por uma disseminação ampla da investigação geográfica através dos numerosos departamentos e publicações existentes no país.

2 — ESTRUTURA DO ENSINO E DA INVESTIGAÇÃO GEOGRÁFICA

O ensino da Geografia, a nível superior, é administrado em departamentos ou colégios universitários e em escolas politécnicas ou colégios de tecnologia. Vários cursos têm cadeiras de Geografia no seu currículo mas a graduação em Geografia é obtida apenas em departamentos universitários. O curso consta de três anos de currículo variável, de acordo com a orientação de cada departamento, findos os quais e depois de uma selecção se obtém a graduação em Geografia. Os graus de investigação compreendem duas modalidades: os *Master*, com a duração de um ou dois anos, e os *PhD (Doctor in Philosophy)*, com a duração de três anos, mas que normalmente é ultrapassada. Ambos os graus se obtêm pela entrega de uma tese final, fruto da investigação minuciosa de um tema, anteriormente escolhido; contudo, o *Master* pode também obter-se por curso com um exame e um relatório final, mas esta modalidade é mais rara. Quer o ensino, quer a investigação em Geografia, têm-se expandido bastante desde 1960. Actualmente o ensino e a investigação geográfica na Grã-Bretanha processam-se em 42 departamentos universitários e 26 escolas politécnicas. A indicação de alguns números poderá elucidar melhor o ritmo desse crescimento: em 1970 graduaram-se 1500 alunos em Geografia, o dobro dos verificados em 1960; em 1975, cerca de 13 000 alunos de diversas formações, tinham cadeiras de Geografia no seu currículo escolar; destes, 5000 estavam matriculados no curso de Geografia. Em 1971 formaram-se 180 investigadores, metade dos quais com o grau de *PhD*; em 1974-75, dos 1006 alunos matriculados para obtenção de graus superiores, 557 elaboravam teses de doutoramento (*PhD*).

Os departamentos de Geografia existentes são bastante antigos (quadro 1). O primeiro a ser criado oficialmente foi o de Oxford, em 1889, seguindo-se-lhe os restantes; já na década de 70 surgiram os departamentos de Lancaster e

(adaptado de «The organization of geographical research in the United Kingdom» — J. I. CLARKE, 1975)

| | N.º de docentes a tempo inteiro (1974-75) | Primeira aula de Geografia | Ano de criação do departamento | N.º de estudantes (1974-75) | N.º de pós-graduados 1-1-74 | N.º fazendo o Ph.D. |
|-----------------------|---|----------------------------|--------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------------|
| Aberdeen | 25 | 1919 | 1919 | 508 | 41 | 27 |
| Aberystwyth | 19 | 1907 | 1917 | 300 | 20 | 19 |
| Belfast | 20 | 1928 | 1928 | 425 | 32 | 22 |
| Birmingham | 19 | 1924 | 1924 | 330 | 50 | 25 |
| Bradford | 6 | 1966 | 1966 | 65 | — | — |
| Bristol | 17 | 1920 | 1924 | 197 | 22 | 15 |
| Cambridge | 19 | 1888 | 1904 | 306 | 20 | 19 |
| Dundee | 10 | 1936 | 1946 | 270 | 5 | 5 |
| Durham | 24 | 1928 | 1928 | 397 | — | 33 |
| East Anglia | 30 | 1968 | 1967 | 262 | 36 | 19 |
| Edinburgh | 19 | 1908 | 1908 | 368 | 54 | 45 |
| Exates | 12 | 1893 | 1920 | 255 | 10 | 10 |
| Glasgow | 20 | 1577 | 1909 | 378 | 21 | 6 |
| Hull | 22 | 1926 | 1928 | 258 | 25 | 12 |
| Keele | 8 | 1950 | 1950 | 102 | 10 | 3 |
| Lampetes | 7 | 1971 | 1971 | 85 | 4 | 4 |
| Lancaster | 2 | 1975 | 1974 | — | — | — |
| Leeds | 17 | 1916 | 1919 | 330 | 22 | 5 |
| Leicester | 17 | 1921 | 1923 | 455 | 8 | 3 |
| Liverpool | 21 | 1888 | 1909 | 248 | 43 | 36 |
| London | | | | | | |
| Bedford College ... | 12 | 1849 | 1920 | 130 | 15 | 8 |
| Birbeck College ... | 9 | 1823 | 1909 | 101 | 102 | 48 |
| Goldsmiths' College | 8 | 1905 | 1905 | 105 | 25 | — |
| King's College | 14 | 1863 | 1947 | 125 | 22 | 14 |
| L. S. E. | 16 | 1912 | 1947 | 181 | 16 | 7 |
| Queen Mary College | 18 | 1895 | 1895 | 110 | 76 | 12 |
| S. O. A. S. | 10 | 1961 | 1965 | 44 | 33 | 15 |
| University College | 27 | 1834 | 1903 | 257 | 33 | 15 |
| Manchester | 24 | 1892 | 1910 | 300 | 12 | 4 |
| Newcastle-o-Tyne | 11 | 1928 | 1929 | 305 | 13 | 6 |
| Nottingham | 14 | 1920 | 1934 | 200 | 15 | 6 |
| Oxford | 22 | 1882 | 1889 | 240 | 47 | 32 |
| Reading | 19 | 1892 | 1920 | 275 | 71 | 43 |
| St. Andrews | 8 | 1935 | 1937 | 188 | 4 | 4 |
| Salford | 9 | 1964 | 1966 | 92 | 24 | 3 |
| Sheffield | 21 | 1908 | 1908 | 475 | 23 | — |
| Southampton | 14 | 1920 | 1920 | 214 | 5 | — |
| Strathclyde | 11 | 1951 | 1964 | 212 | 9 | 2 |
| Sussex | 10 | 1963 | 1963 | 125 | 10 | 10 |
| Swansea | 22 | 1920 | 1954 | 585 | 25 | 17 |
| Ulster | 14 | 1968 | 1967 | 53 | 3 | 3 |

Lampeter. No total, o ensino universitário da Geografia ocupa 647 docentes.

Posteriormente a 1970, o ensino da Geografia expandia-se sobretudo pelas escolas politécnicas; contudo, a investigação continuou a ser um privilégio das universidades, pois nas politécnicas o número de investigadores não ultrapassa 25 no total (quadro 2). Nas politécnicas e colégios de tecnologia, a Geografia não se apresenta em departamentos próprios, autónomos, mas está englobada em outros departamentos ou

QUADRO 2

A Geografia em politécnicas e colégios de tecnologia

(adaptado de «The organization of geographical research in the United Kingdom» — J. I. CLARKE, 1975)

| | N.º de docentes a tempo inteiro (1974-75) | Primeira aula de Geografia | Ano de criação do departamento | N.º de estudantes (1974-75) | N.º de pós-graduados 1-1-74 | N.º fazendo o Ph.D. |
|-----------------------------------|---|----------------------------|--------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------------|
| City of Birmingham Poly. | 3 | 1959 | — | 65 | — | — |
| Bournemouth Coll. of Tech. | 7 | 1945 | — | 105 | — | — |
| Bristol Poly. | 4 | 1971 | — | — | — | — |
| Cambridge Coll. of Arts e Tech. | 12 | 1950 | 1958 | 206 | 1 | — |
| Poly of Central London. | 4 | 1930 | 1960 | 15 | — | — |
| City of London Poly. | 12 | 1960 | 1966 | 174 | 4 | 2 |
| Derby Coll. of Arts e Tech. | 7 | 1949 | 1974 | 134 | — | — |
| Ealing Tech. Coll. | 10 | 1960 | — | 245 | — | — |
| Huddersfield Poly. | 9 | 1850 | 1971 | 66 | 1 | — |
| Kingston Poly. | 11 | 1947 | 1970 | 205 | 2 | 1 |
| Lanchester Poly. | 8 | 1964 | 1967 | 190 | — | — |
| Leeds Poly. | 4 | 1960 | 1960 | 16 | — | — |
| Liverpool Poly. | 5 | 1962 | 1962 | 25 | — | — |
| Luton Coll. of Tech. | 8 | 1950 | — | 70 | — | — |
| Middlesex Poly. | 24 | 1963 | 1968 | 400 | 3 | — |
| Newcastle-Upon-Tyne Poly. | 4 | 1967 | — | — | — | — |
| N. E. London Poly. | 4 | 1967 | 1970 | — | — | — |
| Poly of N. London. | 13 | 1960 | 1970 | 170 | 4 | 4 |
| N. Staffordshire Poly. | 9 | 1969 | — | 70 | — | — |
| Oxford Poly. | 4 | 1969 | — | — | — | — |
| Plymouth Poly. | 12 | 1968 | — | 175 | 1 | 1 |
| Portsmouth Poly. | 22 | 1900 | 1967 | 277 | 4 | — |
| Sunderland Poly. | 3 | 1967 | 1967 | 60 | — | — |
| Thames Poly. | 5 | 1959 | 1971 | 38 | 1 | 1 |
| Ulster Coll. N. Ireland Poly. ... | 5 | 1971 | — | 51 | 2 | 1 |
| Wolverhampton Poly. | 3 | 1945 | 1970 | 100 | 1 | 1 |

faculdades multidisciplinares. Recentemente, devido à crise económica que a Grã-Bretanha atravessa, têm-se verificado fortes restrições financeiras ao sector da Educação; isto afectou sobretudo o alargamento dos quadros de docentes e de investigadores e o financiamento da investigação em si. Deste modo, as consequências já se fizeram sentir e actualmente o ensino da Geografia orienta-se cada vez menos para a formação de professores. Em 1966, 41 % dos alunos graduados ingressaram no ensino; em 1973 essa percentagem reduziu-se para 30 %. Em compensação, abrem-se outros campos de emprego e são numerosos os geógrafos que exercem a sua actividade no planeamento, na administração central e local, no comércio e na indústria.

O grosso da investigação faz-se nas Universidades; contudo, o número de investigadores por departamento varia bastante. Geralmente, a escolha do departamento para onde o investigador deseja entrar obedece a dois factores: o tamanho do departamento e a orientação geográfica deste. Os grandes departamentos têm recursos financeiros mais vastos, provenientes de diversas fontes, o que lhes permite dispor de um equipamento moderno (laboratórios, centros de programação, centros audiovisuais etc.), organizar excursões, seminários, conferências e publicações. Por todas estas facilidades os grandes departamentos exercem uma atracção muito grande sobre os investigadores que têm todo o interesse em pertencerem a esses centros. Por outro lado, devido à forte tendência para a especialização que se verifica na geografia inglesa, cada departamento dedicou-se, por vezes, a um campo limitado de investigação, onde se popularizou pelo sucesso dos seus trabalhos. Assim, o nome de alguns departamentos começa a associar-se a determinadas especializações, resultantes do prestígio dos seus trabalhos. O departamento de Leeds celebrou-se pelos modelos de sistemas urbanos e redes de transporte, Liverpool é conhecido pelos estudos sobre mobilidade da população. Birmingham desenvolveu um centro de Geografia social muito activo, Bristol enveredou pelo estudo da matemática espacial aplicada à Geografia, Aberdeen e Newcastle são conhecidos pelos trabalhos de Geografia aplicada e reúnem um grupo famoso de consultores, Durham é conhecido

pelos estudos numerosos que tem realizado sobre o Médio Oriente.

A orientação e especialização de um departamento depende da formação dos seus docentes mais antigos, da proximidade ou da associação com outros departamentos, que desenvolvem estudos afins, e das fontes privadas de financiamento, que podem influenciar a escolha dos temas de trabalho. Por exemplo, Durham orientou a sua investigação para temas do Médio Oriente porque o director do departamento e alguns dos seus docentes passaram vários anos nessa região; estabeleceram contactos e apoios financeiros e criaram um conjunto de facilidades que beneficiam todos os estudos que se façam sobre o Médio Oriente. Próximo do departamento de Geografia, em Durham, localiza-se um Centro de Estudos Orientais, com uma vasta biblioteca e um museu financiado pela Gulbenkian, o que também favorece bastante a pesquisa sobre o Oriente. Embora neste departamento se desenvolvam outros campos de investigação, como Cartografia automática, a Percepção do ambiente ou os modelos de simulação aplicados aos glaciares, sem dúvida que os estudos orientais atraem muito mais investigadores, pelas facilidades de que podem usufruir.

A entrada de investigadores para qualquer departamento fica assim bastante limitada, pois o acesso só é fácil para aqueles cujo tema de trabalho se enquadra na orientação geral do departamento.

Uma panorâmica sobre as teses de investigação, em preparação (quadro 3), permite-nos verificar o predomínio da Geografia humana nos temas escolhidos; apenas um quarto das teses em preparação é de Geografia física, com destaque para os temas de Geomorfologia. Na Geografia humana salientam-se os estudos sobre povoamento, que implicam frequentemente a construção de modelos de previsão, e os estudos de percepção do ambiente, um campo de pesquisa recente, mas que se expandiu bastante. O predomínio da Geografia humana reflecte-se na formação dos docentes universitários. Dum modo geral, em cada departamento, a proporção entre os docentes de Geografia humana e os docentes de Geografia física é normalmente de 2 para 1; cerca de

QUADRO 3

Número de teses em preparação nos departamentos de geografia britânicos

(adaptado de «The organization of geographical research in the United Kingdom» — J. I. CLARKE, 1975)

| | 1970-71 | 1971-72 | 1972-73 | 1973-74 |
|--|---------|---------|---------|---------|
| Fotografia Aérea, Fotogrametria e Teledetecção | 6 | 6 | 5 | 11 |
| Cartografia | 31 | 6 | 6 | 3 |
| Cartografia Histórica | 4 | 9 | 5 | 3 |
| Sistemas de Informação Geográfica e Técnicas Quantitativas | 33 | 36 | 42 | 34 |
| Geografia Teórica e Filosofia da Geografia | 5 | 1 | 4 | 6 |
| Biogeografia | 50 | 56 | 56 | 61 |
| Climatologia e Meteorologia | 32 | 26 | 45 | 39 |
| Geomorfologia | 171 | 190 | 226 | 182 |
| Hidrologia | 49 | 53 | 70 | 86 |
| Pedologia | 26 | 45 | 40 | 31 |
| Estudos de Percepção e Comportamento em Geografia | 14 | 21 | 27 | 23 |
| Geografia Cultural | | 34 | 71 | 59 |
| Geografia Económica — casos específicos | 41 | 43 | 55 | 43 |
| Geografia Agrária | 64 | 50 | 70 | 79 |
| Geografia de Comunicações e Transportes | 64 | 75 | 83 | 88 |
| Geografia Industrial | 63 | 59 | 75 | 74 |
| Geografia do Uso do Solo, Recreação e Turismo | 56 | 62 | 72 | 74 |
| Geografia dos Recursos Naturais | 25 | 23 | 35 | 27 |
| Geografia do Planeamento Urbano e Regional | 128 | 80 | 70 | 61 |
| Geografia Histórica | 106 | 95 | 140 | 132 |
| História da Ciência Geográfica e História das Explorações | 1 | 4 | 2 | 2 |
| Geografia Médica | 9 | 6 | 10 | 12 |
| Geografia Política, Geografia Eleitoral, Geografia das Religiões e Geografia Linguística | 28 | 37 | 25 | 29 |
| Geografia da População | 66 | 60 | 76 | 83 |
| Geografia Regional | 17 | 6 | 14 | 12 |
| Geografia do Povoamento | 139 | 185 | 176 | 244 |

75 a 80 % dos alunos graduados terminam o seu curso com uma forte tendência para a Geografia humana.

Esta situação é motivada pelo sistema de financiamento da investigação, pela discrepância que existe entre a atribuição de bolsas de estudo à Geografia física e à Geografia humana. Na Grã-Bretanha não existe nenhum órgão central, oficial, para atribuição de bolsas de investigação. Não existe qualquer

Instituto ou Conselho Nacional de Investigação mas uma série de pequenos conselhos (Ciências, Medicina, Agricultura, Ambiente Natural e Ciências Sociais), com estrutura própria e critérios de financiamento diferentes de um para outro. A Geografia física integra-se no NERC (*Natural Environment Research Council*) mas não possui qualquer comissão própria para tratar dos problemas; assim, este conselho, que engloba várias disciplinas, atribui anualmente apenas 25 a 30 bolsas para a investigação em Geografia física. O mesmo não sucede à Geografia humana, que, integrada no SSRC (*Social Science Research Council*), dispõe duma comissão própria e recebe, em média, 85 bolsas por ano. Por outro lado, o sistema de atribuição das bolsas também é diferente; o NERC atribui as bolsas aos directores dos projectos de investigação que depois as distribuem pelos seus colaboradores. O SSRC atribui as bolsas ao departamento, que as distribui pelos investigadores interessados, quer estejam integrados num projecto, quer trabalhem individualmente, embora sob a orientação de um docente; deste modo, a Geografia humana oferece maiores possibilidades de acesso à investigação do que a Geografia física, uma vez que a sua grande fonte de financiamento é o Governo.

Nos últimos anos as restrições financeiras do Governo britânico limitaram um pouco a investigação nas universidades. Em compensação, desenvolveu-se bastante a investigação aplicada, feita com o apoio financeiro de empresas privadas e mesmo de departamentos oficiais; geralmente é feita por geógrafos que são consultores dessas entidades e procuram encontrar soluções práticas para os problemas em estudo.

3 — A METODOLOGIA QUANTITATIVA

Após 1960, surgiu na geografia inglesa uma preocupação acentuada pela análise rigorosa e científica dos fenómenos geográficos, expressa numa linguagem que fosse significativa e comum a várias ciências. A análise descritiva que até aí se fazia tinha sérios inconvenientes e permitia diversas distorções, motivadas pela subjectividade do seu método. Por vezes, dentro da própria Geografia, não havia acordo quanto

à descrição do mesmo fenómeno ou paisagem; o rigor da análise dependia do espírito de observação, da versatilidade e da facilidade de expressão do geógrafo.

PETER HAGGETT, um dos grandes geógrafos-matemáticos ingleses, defende que o desabrochar da linguagem matemática na Geografia não pode ser considerado como um fenómeno posterior à segunda guerra mundial, mas é o resultado de ideias e conceitos trabalhados desde há muito. A utilização da Matemática no tratamento dos problemas geográficos é bastante antiga e os Gregos aplicavam-na frequentemente na Climatologia e na Cartografia. Contudo, foi na década de 60 que a metodologia quantitativa passou a ser aplicada sistematicamente e se verificou uma viragem espectacular na linguagem geográfica. O impacto foi tão grande, que os geógrafos americanos apelidaram esta mudança de «revolução quantitativa».

À euforia do momento, que motivou, por vezes, a utilização indiscriminada de técnicas quantitativas em geografia, sucedeu uma fase mais calma de reflexão e ponderação sobre a limitação dessas técnicas. De 1960 aos nossos dias verificou-se uma evolução na mentalidade do geógrafo quantitativo, podendo mesmo detectar-se duas gerações com características diferentes e correspondendo às décadas de 1960 e de 1970.

A primeira geração de geógrafos quantitativos corresponde à fase inicial da aplicação da metodologia quantitativa; caracterizou-se pela adopção e adaptação, ligeira, das técnicas de estatística indutiva que eram aplicadas frequentemente em outras ciências. O optimismo era grande e havia uma expectativa enorme quanto à validade dos resultados provenientes da utilização da metodologia quantitativa em Geografia. Todos os problemas pareciam ficar solucionados satisfatoriamente, com a inclusão de fórmulas e números; a preocupação em se mostrarem actualizados fazia com que alguns dos geógrafos iniciados na Matemática utilizassem indiscriminadamente, nos seus trabalhos, uma ou várias fórmulas por vezes de valor discutível; estes erros eram sobretudo devidos à falta de uma preparação matemática, teórica e profunda. Geralmente acontecia que os problemas eram apresentados pelo geógrafo não matemático, sendo as técnicas aplicadas pelo geógrafo quantitativo. Por vezes, os problemas a resolver e as técnicas a

aplicar eram vistos tão separadamente que corriam o grave risco de se divorciarem; frequentes vezes, a qualidade individual de um lugar era sacrificada à sua expressão quantitativa.

O nível matemático dos geógrafos da primeira geração era elementar, baseado nas matemáticas aplicadas, sobretudo no campo da estatística e das probabilidades; dentro da Geografia havia pouco trabalho teórico, de investigação matemática, que permitisse ponderar as técnicas mais adequadas ao campo específico desta ciência. Devido a este estado de preparação incipiente, poucos matemáticos se interessaram pelos problemas geográficos, ao contrário do que acontecia, por exemplo, em Genética.

Na primeira fase de aplicação da metodologia quantitativa, a evolução fez-se por sucessivos avanços e recuos que permitiram adquirir uma certa experiência e amadurecer a geração vindoura; os geógrafos passaram a ter várias cadeiras de Matemática no seu currículo escolar, o que lhes permitiu maior à-vontade na utilização da linguagem quantitativa; a colaboração interdisciplinar tornou-se mais fácil e frequente, em virtude do uso comum do mesmo tipo de linguagem. Deste modo, o geógrafo adquiriu uma preparação matemática mais sólida, que lhe permitiu manusear, com autoridade, técnicas quantitativas sofisticadas, que foi a característica principal da segunda geração dos geógrafos matemáticos.

A formação matemática de que beneficiaram os geógrafos da segunda fase permitiu-lhes ponderar, com maturidade, as teorias e técnicas até aí utilizadas, procurando adaptá-las ao contexto espacial da Geografia. Isto tornou-se extremamente importante em estatística, porque um dos conceitos básicos das técnicas de estatística inferencial é a independência de observações num conjunto particular de elementos considerados. Embora em estatística se reconheça a dependência das observações no tempo, a sua dependência no espaço é completamente ignorada. Ora, um dos conceitos básicos da Geografia é precisamente a interdependência espacial dos fenómenos, o que exige uma certa cautela na aplicação de determinadas técnicas estatísticas. Assim, um dos campos da investigação matemática que interessou os geógrafos da segunda geração foi o da avaliação do poder e das limitações das técnicas de estatística, para testar o seu grau de depen-

dência ou de independência, nas séries espaciais. Este campo teve a particularidade de interessar matemáticos, engenheiros e físicos, fomentando um trabalho de investigação interdisciplinar e o intercâmbio entre as Universidades. A. G. WILSON, doutorado em Matemática e Física, é hoje o responsável da cadeira de Geografia Urbana e Regional em Leeds, onde desenvolve modelos espaciais bastante complexos. O matemático J. K. ORD trabalha, associado a geógrafos, na exploração do conceito de autocorrelação espacial assim como D. G. KENDALL, outro matemático, se debruça sobre a reconstrução de mapas em escalas multidimensionais. Entre os geógrafos profundamente interessados no campo da investigação matemática destacam-se CLIFF, GODDARD e HEPPLÉ.

A segunda geração de geógrafos quantitativos caracterizou-se pela utilização de técnicas sofisticadas, espacialmente adaptadas, e pela obtenção de métodos adequados ao tratamento dos problemas espaciais.

A familiaridade com a linguagem matemática deu-lhes facilidade na utilização de técnicas quantitativas elaboradas, tais como a análise discriminatória e a análise canónica. A estatística indutiva é ultrapassada largamente pelo pensamento matemático dedutivo; os modelos de sistemas urbanos e regionais fizeram consideráveis progressos, incorporando uma variedade de tópicos, desde a previsão demográfica até aos modelos económicos e aos modelos de localização de habitação, comércio, serviços e transportes; frequentemente as técnicas utilizadas incluem programação linear e maximização entrópica.

Nos últimos anos verificou-se também uma grande preocupação no sentido de encontrar métodos adequados à análise espacial, tendo em conta os problemas levantados pelos conceitos de dependência e de independência das observações, em estatística. Neste campo, os geógrafos debruçaram-se essencialmente sobre a teoria dos processos estocásticos, que compreende o desenvolvimento de sistemas, no tempo e no espaço, de acordo com leis probabilísticas; foram exploradas várias técnicas de matemática espacial, desenvolvendo-se bastante a aplicação da autocorrelação espacial. O principal objectivo deste tipo de trabalho são as previsões espaciais, através do uso de modelos «espaço-tempo» que analisam a disseminação,

no espaço e no tempo, de fenómenos diversos, como as doenças infecciosas ou o desemprego.

A complexidade das matemáticas espaciais e o aprofundar das suas técnicas sofisticadas tornou-se acessível apenas aos geógrafos com uma formação matemática muito profunda. Deste modo, foi-se criando um grupo de geógrafos extremamente especializados em matemática. Verifica-se, de facto, uma grande distância na linguagem e na preparação estatística das duas gerações de geógrafos quantitativos; actualmente, a barreira que existe entre a primeira e a segunda geração é muito superior à que na década de 60 se estabeleceu entre os geógrafos quantitativos e os geógrafos não quantitativos.

A utilização da metodologia quantitativa no tratamento dos problemas geográficos implica a necessidade de informação precisa, detalhada, e muito frequentemente o tratamento automático dos dados obtidos. Assim, nos últimos anos, utilizaram-se novas fontes de informação, desenvolveram-se novas técnicas de recolha e aplicou-se largamente o computador ao tratamento dessa informação; organizaram-se bancos de dados que permitiram a recolha e a consulta rápida de toda a informação necessária. As estatísticas oficiais tornaram-se cada vez mais pormenorizadas e, para corresponder a esta necessidade, os elementos recolhidos no recenseamento inglês de 1971 foram geocodificados numa malha de 100 m × 100 m ou de 1 km × 1 km.

A aplicação de métodos quantitativos no tratamento dos problemas geográficos correspondeu a uma fase de preocupações filosóficas sobre o conteúdo da Geografia e ao domínio da corrente positivista. Dois aspectos desta corrente estão na base da adopção da metodologia quantitativa: por um lado, a procura de causas eficientes e leis invariáveis; por outro lado, a aceitação de que as acções humanas se podem caracterizar simplesmente em relação a uma realidade externa, sem considerar o ponto de vista do autor. A reflexão e ponderação que caracterizou a aplicação da metodologia quantitativa, na década de 70, implicou uma escolha mais criteriosa das técnicas utilizadas em Geografia humana, porque é precisamente neste âmbito que surgem argumentos contra a validade das teorias positivistas. A análise dos fenómenos humanos é muito complexa e está imbuída de um conjunto de valores

difíceis de quantificar; por outro lado, os indivíduos respondem diferentemente a estímulos comuns, podendo influenciar de modo diverso os sistemas e estruturas de economia e da sociedade. Assim, embora na Geografia humana não se rejeite por completo a filosofia positivista, esta perdeu lugar de destaque, sendo aceite com mais cautela. Verificou-se, sobretudo, uma grande preocupação pelos valores humanos e sociais, pelo comportamento do homem, quer individualmente quer associado em grupo. A geografia inglesa tornou-se muito receptiva ao desenvolvimento das ciências sociais. A mudança que se verificou nos seus conceitos filosóficos repercutiu-se na importância dada aos problemas sociais, na temática da investigação geográfica.

4 — A GEOGRAFIA SOCIAL URBANA

Em meados da década de 60 verificou-se um interesse crescente pela qualidade do ambiente, natural e urbano. A poluição, a fome e o excesso de natalidade foram aspectos gerais, que muito preocuparam e ainda preocupam os indivíduos mais atentos. Por outro lado, a guerra do Vietname e o declínio da indústria britânica, com os seus problemas de desemprego, activaram uma série de conflitos sociais que agudizaram bastante as desigualdades de classe existentes. Perante a situação, começou a verificar-se uma preocupação muito grande para que a investigação geográfica se ocupasse dos problemas mais relevantes da sociedade, procurando encontrar soluções práticas e de aplicação imediata.

Os problemas urbanos tiveram sempre um lugar de destaque na temática da geografia humana inglesa, o que não surpreende se nos lembrarmos que 80 % da população da Grã-Bretanha vive em cidades. Na década de 70, a preocupação pelos problemas sociais urbanos e pela justiça social está bem patente nos estudos geográficos surgidos; publicaram-se vários trabalhos sobre áreas deprimidas, guetos e minorias étnicas, doenças mentais, carências de saúde, entre outras.

Formulou-se a geografia do bem-estar social (*Geography of Social Welfare*), que procura obter indicadores numéricos que evidenciem o grau de saúde e bem-estar social existente nas áreas em estudo, o que permite a comparação de dife-

rentes áreas, facilitando o estabelecimento de padrões sócio-espaciais; os geógrafos estão cada vez mais interessados em explorar as relações entre os processos sociais e as formas espaciais.

Simultaneamente desenvolve-se um movimento de contestação às teorias locativas e aos modelos quantitativos. Este movimento é constituído por geógrafos radicais, que procuram introduzir a dialéctica marxista na análise geográfica da sociedade. Segundo esta corrente, defendida por DAVID HARVEY, a teoria locativa apresenta algumas contradições baseadas no conceito da maximização do lucro e no conceito do homem como um factor económico. O privilégio de certas localizações em relação a outras pode criar situações de monopólio ao minimizar os custos da distância e maximizar os lucros; estes canalizam-se para o fluxo de rendimentos das classes mais favorecidas, acentuando bastante as desigualdades sociais. Assim, e segundo D. HARVEY, um sistema espacial óptimo implica a existência de desequilíbrios sociais. Daí que a preocupação pela eficiência, na utilização de um determinado recurso, fosse substituída pela preocupação na igualdade de acesso dos diferentes grupos sociais a esse recurso. A análise do tecido urbano passa a ser feita segundo uma óptica nova, mais voltada para o ponto de vista do consumidor, das suas necessidades materiais, das suas dificuldades de acesso, do que para o ponto de vista do produtor, da eficiência da localização, tendo em vista a maximização do lucro.

O movimento dos geógrafos radicais tem o mérito de apresentar uma base epistemológica nova e aplicar um tipo de raciocínio estruturalista operacional à análise dos padrões da sociedade; eles defendem que os padrões de actividade humana resultam, sobretudo, das necessidades e da lógica subjacente à estrutura da sociedade, muito mais do que das limitações espaciais e da lógica da geometria espacial. Os estudos, segundo esta óptica, partem da reconstrução duma estrutura sócio-política específica e procuram investigar como essa estrutura se manifesta no espaço; são frequentes os temas sobre o mercado da habitação, conflitos sociais, detenção do poder e controle dentro da sociedade.

A Geografia social urbana surge fundamentalmente como uma reacção aos modelos estatísticos agregados da Geografia

urbana tradicional (especialmente a teoria da localização e dos lugares centrais) e às teorias sociais, como, por exemplo, da ecologia factorial. O criticismo básico a todos estes modelos é o de que eles escondem desigualdades sociais, económicas e políticas.

A Geografia social urbana estuda os diferentes espaços sociais que compõem a cidade. O espaço social não é um espaço físico, euclideano, mas um espaço complexo, não homogéneo e descontínuo; varia de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo, evoluindo ao longo do tempo. A Geografia social urbana estuda a estrutura espacial da cidade, reflexo de factores individuais, sociais e culturais. Verifica-se uma preocupação muito grande no estudo das relações entre o indivíduo ou o grupo social e o ambiente; procura-se detectar como os diversos grupos sociais vêem e organizam a cidade e como essa organização se reflecte na estrutura espacial.

Na cidade desenvolvem-se actividades distintas, que dão às diferentes áreas urbanas diferente poder atractivo. As diversas áreas sociais que compõem a cidade possuem pontos de referência como teatros, igrejas, escolas etc., donde irradia uma rede de comunicações. Cada grupo tende a possuir o seu espaço social específico, que reflecte as suas preferências e os seus valores culturais. O espaço social é composto de um complexo de sentimentos individuais e de imagens colectivas; está carregado de símbolos, sendo como que a resultante de uma combinação entre o espaço subjectivamente percebido e o espaço tal como existe na realidade.

A cidade é constituída por diversas áreas cujo conhecimento, utilização e significado diferem de indivíduo para indivíduo, consoante a idade, o sexo, o *status* social, a cultura, a experiência pessoal e a mobilidade geográfica. Na Geografia social procura-se, sobretudo, analisar o sistema social onde o indivíduo se insere, procurando detectar como esse sistema determina, no indivíduo, o uso do espaço e a sua experiência dentro dele.

A Geografia social urbana possui um objectivo próprio, que implica uma metodologia de análise com características especiais. Verifica-se uma tendência acentuada para os estudos em escalas reduzidas (microescala) e um maior interesse

para os aspectos particulares dos problemas, mais do que para os seus aspectos gerais.

Os estudos à escala da cidade ou de bairro são numerosos, verificando-se uma tendência crescente para a redução cada vez maior da área de estudo; chegou-se mesmo a constituir a *Room Geography*, a geografia de quarto, que estuda o comportamento do indivíduo em espaços muito restritos, como seja na sala, no quarto, na casa de banho e até em cápsulas espaciais. Normalmente, estes estudos são pluridisciplinares e procuram compreender o comportamento do indivíduo, com o fim de desenhar um ambiente mais adequado às suas necessidades; são frequentemente aplicados em *design* industrial. Contudo, o aparecimento da *Room Geography*, embora recente e bastante débil, pelas características da escala utilizada, põe sérias interrogações sobre a individualidade da Geografia em estudos desta natureza.

Em termos muito genéricos, a Geografia sempre se preocupou com o estudo das relações entre o Homem e o ambiente, o que sempre lhe permitiu trabalhar em várias escalas. Contudo, outras ciências estudam, também, este tipo de relações, tendo surgido variadíssimas definições de ambiente. No âmbito da Geografia social, J. SONNENFELD (1969), ao discutir o conceito de ambiente, considera o indivíduo rodeado por uma série de ambientes concêntricos, nomeadamente o ambiente geográfico, o operacional, o perceptual e o de comportamento (fig. 1). O ambiente geográfico é o ambiente global, objectivo, externo ao indivíduo e compreende o mundo inteiro; dentro desta esfera imensa inclui-se o ambiente operacional, ou seja o ambiente onde o homem actua, que é de facto um sector do mundo que, consciente ou inconscientemente, influencia o comportamento do homem; o ambiente perceptual é uma porção do ambiente operacional, à qual o homem está atento. Essa atenção pode derivar quer de um estímulo físico directo, vindo do próprio ambiente, quer da experiência passada do indivíduo e, neste caso, o ambiente tem um valor mais simbólico do que objectivo. O ambiente mais restrito é o ambiente do comportamento, compreendendo um sector do ambiente perceptual que apresenta estímulos suficientemente fortes, susceptíveis de originar uma resposta, representada através de um comportamento característico.

As relações entre o homem e o seu ambiente mais restrito, o de comportamento, começaram a preocupar os geógrafos desde 1960, tendo aparecido centenas de estudos e publicações sobre o assunto. O que caracteriza grande número dos trabalhos existentes é a investigação directa do indivíduo, na tentativa de determinar a sua percepção do ambiente e,

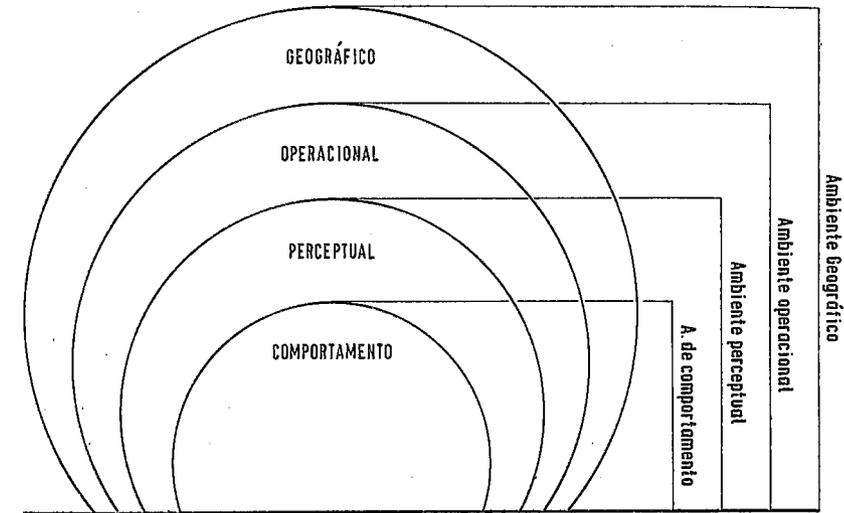


Fig. 1 — Conjunto de ambientes, segundo J. SONNENFELD (1969).

concomitantemente, a sua resposta, isto é, o seu comportamento, a sua adaptação ao ambiente que o cerca. Esta nova ênfase dos trabalhos geográficos representa uma tendência para uma geografia psicológica; daí que actualmente se verifiquem laços interdisciplinares muito fortes entre a Geografia, a Sociologia e a Psicologia; frequentemente são aplicadas as suas técnicas de análise em estudos geográficos. Nesta associação aliciante com as ciências do comportamento, o que surpreende o geógrafo mais conservador é a especificidade dos temas em estudo, que pelas suas características parece pôr em sério risco a individualidade da Geografia. Contudo, por mais inconstantes e surpreendentes que sejam as associações da Geografia com outras disciplinas, a sua essência mantém-se, desde que não seja esquecida a sua componente espacial. Em Inglaterra, a tendência para o estudo de pequenas áreas foi também influenciada por um conjunto

de circunstâncias que tornaram possível a análise em escala reduzida; entre outras, salientam-se a disponibilidade de estatísticas minuciosas, a possibilidade de controlar diversas variáveis a nível local e a facilidade de poder influenciar as políticas locais.

Outro dos aspectos da Geografia social urbana é a ênfase posta no estudo dos processos que geram as formas. Actualmente, os geógrafos estão mais preocupados em detectar como as formas se transformam do que com a descrição estática de como as formas se apresentam; eles preocupam-se com o estudo do processo social que origina as formas espaciais que constituem os diferentes padrões caracterizadores das cidades ou de qualquer paisagem humanizada. O processo pode ser analisado segundo duas ópticas. Uma, a histórica, encara o processo como a evolução do padrão espacial ao longo do tempo; a outra, mais recente, define o processo como a dinâmica de um sistema contemporâneo. Esta última relaciona-se intimamente com a maneira como as pessoas se comportam no espaço, o modo como elas percebem o ambiente que as envolve e tomam as suas decisões; isto constitui o estudo do comportamento individual, desagregado, mas que no seu todo origina um padrão agregado. Daí resulta a importância dada ao estudo do comportamento dos indivíduos e instituições, numa tentativa para determinar como esse comportamento cria ou influencia os sistemas económicos e sociais; associado com isto está o interesse nos estudos da percepção, na tentativa de obter uma explicação mais rigorosa do comportamento do indivíduo e das suas experiências no ambiente urbano.

A Geografia social urbana desenvolveu-se segundo três ramos de estudo muito importantes: A — Estudos de percepção e imagem; B — Estudos de territorialidade; C — Estudo dos padrões de actividade.

A — Estudos de percepção e imagem. — A finalidade principal destes estudos foi a de analisar como os indivíduos constroem mentalmente a sua cidade e como esta imagem varia com o ambiente físico da cidade, com o meio sócio-económico onde o indivíduo se desenvolve e com a experiência que cada um tem. A percepção, que vem do latim *percipere* (compreender), não é um processo mecânico de estímulo-

-resposta entre o mundo real e o indivíduo, mas um processo muito mais complexo. Percepção é um processo activo de interacção entre o indivíduo e o ambiente, não é uma resposta mecânica a um estímulo, mas antes um processo cultural e subjectivo de selecção e interpretação do ambiente, o que dá origem a uma imagem da realidade, subjectiva e filtrada. A percepção como processo é um filtro de intervenção entre o indivíduo e o ambiente; o produto final, a construção resultante, é a imagem, que se relaciona com o ambiente, embora não seja uma cópia fiel deste.

DOUGLAS POCCOCK dá-nos um modelo conceptual da percepção do ambiente. Esquemáticamente, o *input* para a construção da imagem é formado por um conjunto de estímulos, resultantes das características do ambiente, da informação que o indivíduo tem sobre o assunto e que foi adquirida anteriormente, e do contexto da situação presente, na qual o ambiente está a ser percebido. Este conjunto de estímulos é filtrado e seleccionado pelo indivíduo com a interacção de quatro componentes, dois inerentes ou mecânicos por natureza e dois culturais ou interpretativos; assim, a recepção e selecção dos estímulos depende das condições fisiológicas, das condições psíquicas, das características culturais e do estado actual em que se encontra o indivíduo. O produto resultante é a imagem, que é uma construção mental, prescritiva do comportamento individual.

A cidade não é uma realidade objectiva, um aglomerado de edifícios com interesse só por si; a cidade é um conjunto de símbolos, uma amálgama de percepções, valores e recordações. A vida intrínseca da cidade resulta do modo como os seus habitantes a vêem, a sentem e a utilizam; do significado que cada um lhe atribui, resultado da experiência do seu dia-a-dia. A separação entre a imagem que cada um tem da sua cidade e a própria realidade é difícil de obter. A realidade objectiva e o nosso conhecimento estão em evolução constante e influenciam-se mutuamente, sendo difícil individualizar os seus efeitos na formação da imagem. O ambiente evoca respostas diferentes em cada indivíduo, mas na imagem que se forma há um sector que é único, individual, reflexo da personalidade de cada um e um sector que é comum a vários indivíduos, reflexo das normas culturais, dos ideais,

ou até das necessidades que esse grupo de indivíduos partilha. É precisamente este sector de imagem comum que interessa à Geografia social, porque é através das percepções e imagens de grupos que é possível estabelecer padrões de comportamento que se reflectem espacialmente na paisagem.

Nos últimos anos, os estudos de comportamento têm incidido sobre o comportamento dos consumidores, os critérios que presidem à escolha de habitação e o processo de decisão locativa das empresas industriais. A ênfase dada aos estudos sobre o comportamento do consumidor surgiu como rejeição das teorias de CHRISTALLER, que defendia que todos os compradores se deveriam dirigir ao lugar mais próximo para fazer as suas compras, o que muitas vezes não se verifica; dos trabalhos realizados salientou-se uma grande variedade de tipos de consumidores que apresentam reacções diferentes aos centros comerciais, consoante os seus objectivos, preferências, motivações e experiência pessoal. Os estudos sobre o comportamento do indivíduo e os critérios que presidem à escolha da sua residência surgiram como reacção aos modelos ecológicos, estáticos, que sectorizam a cidade de acordo com as potencialidades do solo; nos novos estudos, salientaram-se os processos de criação de áreas sociais urbanas, a mobilidade social do chefe de família e os codicionalismos que o próprio agregado familiar põe na escolha e selecção da habitação. Por outro lado, surgiram trabalhos de orientação mais radical, que focaram sobretudo as políticas de habitação existentes, e o comportamento de instituições ligadas à habitação, tais como as companhias construtoras, de empréstimos e hipotecas, de urbanização e as autoridades locais que, em conjunto, exercem uma forte influência e condicionam bastante o processo da mobilidade residencial; neste tipo de estudos procurou-se detectar como a política de habitação e as instituições afins influenciam o padrão social urbano.

O estudo do comportamento das empresas industriais, quanto à localização das suas firmas, tem apresentado uma gama variada de trabalhos com interesse prático. Os trabalhos efectuados apresentam a firma como uma unidade com poder de decisão, funcionando sob condições de incerteza e orientada por empresários cuja percepção do mundo real se baseia em imagens de natureza distorcida. Os resultados obtidos levaram

a concluir que o comportamento espacial das firmas é fortemente determinado pelo estágio de desenvolvimento da empresa e pelo seu tipo de organização.

B — Os estudos de territorialidade. — No âmbito da Geografia social urbana, os estudos de territorialidade desenvolveram-se segundo três ópticas principais: 1) a posse de habitação própria como uma necessidade instintiva e biológica; 2) a posse de um território bem definido, com o qual o indivíduo se identifica e onde localiza a sua casa; 3) o estudo das redes de interacção social, como determinantes da identificação do indivíduo com a sua área residencial.

Os conceitos de territorialidade foram emprestados pela Etologia, a ciência que estuda o comportamento animal e a relação do organismo com o seu ambiente; a Geografia social adoptou-os e procurou adaptar esses conceitos ao ambiente humanizado. Territorialidade é um conceito básico no estudo do comportamento animal e, segundo EDWARD HALL, poder-se-á definir como «o comportamento pelo qual um organismo utiliza caracteristicamente a sua área e a defende contra os membros da sua própria espécie». Territorialidade relaciona-se com a protecção e evolução das espécies, constituindo um processo que os animais têm para regular a sua própria densidade. O homem possui também o sentido de territorialidade, o sentido de posse de um território, e dispõe de diversos meios para defender o que ele considera como seu. À escala humana, território é uma porção de chão que o homem possui, utiliza e com o qual se identifica e onde se sente em segurança. A posse, neste caso, não tem nada a ver com a propriedade legal do terreno, mas sim com a identidade territorial, com o significado pessoal e social que essa área tem para o indivíduo que a utiliza. Território é uma área geográfica à qual as pessoas sentem pertencer, com a qual se identificam e na qual interactuam. Quando a interacção é intensa e envolve todos os indivíduos que habitam um dado território, origina-se uma comunidade. Território é um conceito geográfico, uma entidade geográfica com implicações sociais; comunidade é um conceito meramente social, que existe independentemente de qualquer base territorial e resulta da interacção dos indivíduos num grupo. Uma comunidade pode definir-se como uma associação de pessoas com características comuns ou com os

mesmos interesses, que podem estar espalhadas territorialmente; uma comunidade caracteriza-se essencialmente pela coesão do grupo social que a constitui.

Os estudos de territorialidade têm levado muitos geógrafos a darem as mãos à Sociologia e a debruçarem-se sobre a investigação de comunidades com expressão territorial. A territorialidade humana é um conceito chave para o estudo geográfico do comportamento do Homem. Genericamente, o indivíduo possui três níveis de territorialidade: o micro, o meso e o macronível. O micronível corresponde ao espaço pessoal, uma espécie de campânula de privatividade, invisível, que envolve o indivíduo e constitui um meio de preservar a sua distância individual. O mesonível corresponde ao espaço familiar (*home base*) e constitui uma área fixa, o lar, onde o sentido de posse, identificação e segurança é extraordinariamente elevado e que o indivíduo defende contra qualquer intrusão indesejável; esta área, normalmente, abriga o núcleo familiar mais chegado. O macronível de territorialidade corresponde ao espaço social (*home range*), isto é, a área total utilizada e possuída por um indivíduo durante um certo período de tempo. Este nível é muito significativo no estudo dos sistemas de actividade urbana e da sua frequência de utilização. A extensão do espaço pessoal e familiar depende sobretudo do temperamento do indivíduo e da cultura a que pertence; a extensão do espaço social depende essencialmente do grau de mobilidade geográfica e social do indivíduo.

Alguns estudos de territorialidade têm salientado a importância da cultura do indivíduo na utilização do espaço onde ele se move, visto que a necessidade de espaço e a sua utilização varia de cultura para cultura. EDWARD HALL inventou mesmo o termo «padrão proxémico», que define como um padrão de utilização do espaço, resultante duma determinada cultura. Os estudos de territorialidade têm-se desenvolvido bastante devido aos problemas sociais surgidos, quando de renovações urbanas, eliminação de guetos e criação de novas unidades residenciais ou de novas cidades. A preocupação em acelerar a adaptação dos indivíduos à sua nova área residencial, desenvolvendo o sentimento de territorialidade em cada um e despertando entre eles uma certa consciência comunitária, tem originado diversos temas de investigação e impulsionado

largamente a sua aplicação em planeamento. Há, de facto, uma preocupação crescente pela qualidade de vida que a cidade oferece aos seus habitantes. Todos temos consciência de como o crescimento vertiginoso das cidades e o seu ritmo de vida alucinante criam problemas graves aos indivíduos e grupos mais desfavorecidos, cuja capacidade de adaptação é reduzida. Problemas de instabilidade psíquica, solidão e falsa identidade fazem parte do cortejo de males que acompanham o crescimento das grandes cidades. Os laços que se desenvolvem entre os urbanos são frouxos e instáveis; quantas vezes os grandes blocos de apartamentos albergam uma multidão de estranhos, que vivem porta com porta! Daí o recente saudosismo pela vida comunitária existente nas aldeias, a tentativa de dividir as cidades em unidades de residência, os bairros, onde mais facilmente se criam laços de amizade e interajuda, apoiados numa base territorial limitada.

A detecção do sentimento de territorialidade que existe nos habitantes de cada bairro, o modo como a organização espacial dessas unidades desenvolve ou atrofia a vida comunitária, o modo como as características sócio-económicas dos seus habitantes condicionam o sentido e a extensão do seu espaço social, são campos de investigação que têm apaixonado bastante o geógrafo actual.

C — Estudo dos padrões de actividades. — Este tipo de estudos tem-se preocupado, sobretudo, com as redes de interacção social, a localização e utilização dos serviços urbanos e a rede de transportes existente. Um lugar, um território, não pode ser visto apenas sob a óptica de *habitat* físico, porque a actividade social que cada indivíduo ou grupo desenvolve dá-lhe significados diferentes. Cada forma de actividade social define o seu próprio espaço, sendo a cidade constituída por um mosaico de diferentes áreas sociais.

Alguns sociólogos são contrários às teorias da divisão das cidades em unidades de residência e consideram-nas mesmo antiquadas e antiurbanas. O facto de se tentar fomentar laços comunitários, numa área urbana restrita, só vai acentuar a desadaptação do indivíduo à grande cidade; refugiados na pequena comunidade do seu bairro, mais dificilmente se integram numa grande comunidade, acentuando-se, ainda mais, a divisão social e o espírito de rivalidade e competição entre

os diferentes grupos sociais. WEBBER considera que as teorias sobre unidades de vizinhança se integram bem no espírito romântico do século XIX mas que actualmente já não têm razão de ser. A cidade e as características da sua vida urbana fazem perder o sentido de lugar, de território, e hoje desenvolvem-se, sobretudo, comunidades sem propinquidade, ou seja, comunidades sem qualquer base territorial; a comunidade surge sem a obrigatoriedade de previamente existirem laços de vizinhança motivados pela localização próxima das residências.

A cidade é composta por pessoas socialmente heterogéneas e com actividades diversas; a mobilidade social e geográfica dos seus habitantes e a dispersão dos serviços urbanos não favorecem o estabelecimento de laços comunitários profundos. Com os modernos meios de transporte e comunicação, o sentido de territorialidade tende a desaparecer juntamente com a vida comunitária do bairro. O que se verifica é que são actualmente as classes operárias ou com menos recursos económicos, e portanto com menos mobilidade, as que ainda conservam vida de bairro. Actualmente, para o homem urbano, o lar tornou-se mais importante que o bairro onde vive; o tempo de lazer é passado em casa, junto da televisão ou lendo os jornais. Quando quer distrair-se, fora de casa, desloca-se ao centro da cidade, onde se localizam serviços polivalentes. O urbano tende a integrar-se em comunidades que não são necessariamente o seu bairro; o grupo desportivo, o sindicato ou a associação religiosa a que pertence, localizadas por vezes fora do bairro, poderão absorver a sua atenção e os seus tempos livres, muito mais que a área onde vive.

O espaço social de um indivíduo não é uma área geográfica, estática e uniforme. Normalmente, o dia-a-dia de um cidadão desenvolve-se entre o lar, o local de trabalho ou de estudo e o centro da cidade; são estes pontos de referência os que influenciam a maior ou menor extensão do espaço social de cada um. A localização dos familiares e dos amigos mais íntimos, com os quais se mantêm contactos frequentes, condicionam a extensão do espaço social. As características sócio-económicas dos diferentes grupos que compõem a cidade limitam também a sua mobilidade geográfica e, conseqüentemente, a maior ou menor extensão do seu espaço social.

Um dos temas que maior interesse tem despertado no geógrafo social é a investigação da influência que determinados factores sociais poderão ter na delimitação do território de um grupo, do seu espaço social e da utilização que se faz desse espaço. Dos inúmeros estudos apresentados, chegou-se à conclusão de que são as minorias étnico-religiosas e as classes economicamente mais desfavorecidas as que apresentam maior sentido de território, comunidades territoriais mais coesas e um espaço social mais reduzido. Pelo contrário, as classes com um *status* económico mais elevado, devido à sua forte mobilidade, apresentam um fraco sentido de território, comunidades fechadas e dispersas geograficamente, baseadas sobretudo na partilha dos mesmos ideais de política e de acesso ao poder; o seu espaço social apresenta-se extremamente vasto, cobrindo diversas áreas da cidade.

Além dos factores mencionados, há outros que também condicionam a extensão geográfica do espaço social e que foram objecto de estudo, nomeadamente o sexo, a idade e a personalidade do indivíduo, o seu *status* familiar e as disponibilidades de transporte, quer público quer privado.

5 — INVESTIGAÇÃO GEOGRÁFICA APLICADA

Na década de 70, verificou-se uma tendência muito acentuada para a investigação geográfica com interesse prático e de imediata aplicação. Várias causas contribuíram para esta situação; contudo, podemos salientar algumas: a preocupação das entidades oficiais, e do público em geral, nos problemas do ambiente, a escassez de recursos naturais, a desigual distribuição de riquezas, as dificuldades e os perigos de um planeamento superficial; as restrições financeiras postas pelo governo inglês ao sector do ensino e particularmente na investigação universitária; as repercussões do Relatório Rothschild (HMSO 1971), que defendia que os subsídios governamentais deviam ser dados, prioritariamente, à investigação que se destinasse a encontrar soluções para os problemas mais prementes da sociedade. Deste modo se acentuou a tendência para um trabalho mais aplicado e pluridisciplinar. Apesar da dicotomia cada vez maior que se verificou entre a Geografia humana e a Geografia física, foi frequente a associação destes

dois campos, para tratarem em comum temas gerais, como os problemas da organização do ambiente e dos recursos naturais, a modificação das condições naturais por acção do desenvolvimento urbano ou da actividade humana, a repercussão e prevenção dos efeitos de calamidades naturais, como chuvas, cheias e degelos, e a delimitação de áreas recreativas com o aproveitamento dos recursos naturais mais sugestivos.

A investigação urbana orientou-se segundo a Geografia social, que foi analisada anteriormente, e o planeamento, que permitiu uma larga entrada de geógrafos para este sector. O crescimento das escolas de planeamento urbano e regional contribuiu bastante para a fusão entre geógrafos e planeadores; aqueles embrenharam-se de tal modo na estrutura do processo do planeamento, que por vezes, nos seus relatórios e publicações, se torna difícil distinguir a formação geográfica inicial dos seus autores. Devido às restrições actuais ao sector da educação, e à sua nova preparação, o geógrafo inglês orienta-se cada vez mais para o planeamento, o que lhe permite concorrer com sucesso a lugares disputados por economistas e sociólogos. Presentemente, o geógrafo não se limita apenas à fase inicial do plano, à elaboração de um relatório com a análise das condições existentes; ele participa cada vez mais em todo o processo de planeamento, desde a investigação e a análise, passando pela formulação dos objectivos e programas até à sua implementação final. Para isso, o geógrafo envolve-se cada vez mais na administração pública e nos serviços governamentais. Há geógrafos, como BRIAN BERRY, por exemplo, que preconizam mesmo a participação activa do geógrafo na vida pública do país, e na elaboração das políticas regionais e locais, com o fim de garantir a implementação das suas propostas, quer no planeamento quer em qualquer outro campo de investigação aplicada.

A preparação matemática dos novos geógrafos permitiu-lhes utilizar outro tipo de linguagem e de raciocínio que é comum a várias ciências, facilitando enormemente os contactos interdisciplinares. Nos últimos anos esses contactos proliferaram e a Geografia humana estabeleceu laços fortes com a Estatística, a Matemática, a Econometria, a Psicologia, a Antropologia, a Arqueologia, a História Económica e as Ciências Sociais e Políticas. As fronteiras entre estas disci-

plinas tornaram-se bastante flexíveis e permeáveis, principalmente com o desenvolvimento de campos multidisciplinares, como os estudos urbanos e o planeamento regional. Multiplicaram-se os grupos de trabalho pluridisciplinares, dentro e fora da investigação geográfica, aumentou o número de contactos entre os departamentos governamentais e as universidades ou grupos de investigadores, com o fim de elaborarem estudos de interesse colectivo, aumentou o número de geógrafos consultores de empresas públicas ou privadas, abriram-se novas perspectivas de emprego, na indústria, no comércio e na administração, que contrabalancaram a redução do emprego no ensino, desenvolveram-se os estudos com aplicação na elaboração de políticas locais e regionais; são frequentes os debates públicos sobre propostas governamentais, onde o geógrafo tem um lugar de destaque. Nos últimos anos, as actividades dos geógrafos diversificaram-se imenso, consequência da orientação essencialmente prática de que se revestiu a investigação geográfica inglesa.

O trabalho de índole aplicada trouxe vantagens e inconvenientes para a disciplina; por um lado, abriu novas perspectivas de investigação, sugerindo novos temas e facilitando grandemente o financiamento dos trabalhos e dos grupos de investigadores, permitiu os contactos com outras disciplinas interessadas no mesmo tipo de problemas e permitiu a abertura de novos mercados de empregos; por outro lado, o interesse posto na investigação aplicada inibiu o desenvolvimento de novas teorias e metodologias, que permitissem a renovação e o fortalecimento da disciplina; basta lembrar que posteriormente a 1970 não surgiu qualquer teoria ou estudo de carácter filosófico. As associações da Geografia com outras ciências afins sucederam-se num ritmo fulgurante; as suas partes desintegram-se perigosamente, constituindo-se em ramos cada vez mais especializados. Actualmente, a coesão do centro comum da Geografia e a solução dos seus problemas epistemológicos dependem fundamentalmente do aprofundar de novas filosofias, surgidas de uma investigação essencialmente teórica.

RÉSUMÉ

En Grande-Bretagne, l'enseignement de la Géographie et la recherche se sont bien développés depuis 1960. L'enseignement supérieur de la Géographie est donné dans les universités ou dans des écoles polytechniques; la recherche comprend deux degrés: le «Master» (un à deux ans) et le «Phd» (trois ans). Après 1970, l'enseignement était surtout développé dans les écoles polytechniques tandis que la recherche restait le privilège des universités. Les restrictions financières imposées au secteur de l'éducation ont ralenti considérablement l'élargissement du cadre de professeurs et de chercheurs. C'est pourquoi la géographie s'oriente moins vers la formation de professeurs que vers les activités de planification, de l'administration, du commerce et de l'industrie.

Après 1960, surgit une préoccupation accentuée pour l'analyse rigoureuse et scientifique des phénomènes géographiques exprimée dans un langage accessible à diverses sciences. La phase initiale de perfectionnement de la méthodologie quantitative s'est caractérisée par l'adoption parfois abusive des techniques de statistique.

Dans la décade de 70, les géographes acquérèrent une formation mathématique qui leur permit d'utiliser des techniques avancées et de mesurer les méthodes jusqu'alors adoptées en cherchant à les adapter au contexte spatial de la Géographie. Ce domaine intéressa d'autres sciences en alimentant les recherches interdisciplinaires et les échanges entre les universités.

À partir de la fin de la décade 60, les préoccupations pour la qualité de la vie, les problèmes relationnés avec le milieu ambiant, les problèmes sociaux, urbains, de justice sociale firent naître plusieurs études. Ainsi naquit la «Geography of Social Welfare» et un mouvement de contestation se développa contre les théories locatives et les modèles quantitatifs, dirigé par des géographes qui cherchaient à introduire une dialectique marxiste dans l'analyse géographique de la société.

La Géographie sociale urbaine étudie les espaces sociaux de la ville reflétant les facteurs individuels, sociaux et culturels. Cet objectif implique une méthodologie d'analyse particulière. Il étudie plus particulièrement le processus social qui engendre les patrons spatiaux: A — perception et image; B — territorialité; C — patrons d'activités.

Les études de perception et image ont eu comme objectif analyser la manière dont les individus construisent mentalement leur ville et dont cette image varie avec l'ambiance physique de la ville, le milieu socio-économique et l'expérience de chacun. Dans cette image, une partie est tout à fait personnelle, l'autre est commune à plusieurs individus. C'est cette seconde partie qui intéresse la Géographie sociale parce qu'elle permet d'établir des patrons de comportement qui se reflètent dans le paysage.

Les études de territorialité se sont développées selon trois optiques principales: 1) la possession d'habitation personnelle; 2) la possession d'une aire bien définie où se localise la maison; 3) l'étude des réseaux d'interaction sociale en tant que facteur déterminant l'identification de

l'individu avec sa zone résidentielle. La territorialité est un concept-clef pour comprendre le comportement de l'Homme. En gros, l'Homme possède trois niveaux de perception: un «microniveau», un «macroniveau» et un niveau intermédiaire («mesoniveau»). Le microniveau correspond à l'espace personnel, le mesoniveau est l'espace familial et le macroniveau est l'espace social. Ces études progressèrent beaucoup à cause des problèmes sociaux engendrés par les rénovations urbaines, les éliminations de bidonvilles et la création de nouvelles unités résidentielles.

Les études des patrons d'activités intéressent les réseaux d'interaction sociale, la localisation et l'utilisation des services urbains et les réseaux de transport. Un endroit ne peut pas être vu que dans l'optique de l'habitat physique, parce que l'activité sociale de chaque individu ou groupe lui donne des significations différentes. Chaque forme d'activité sociale définit son espace propre et la ville apparaît comme une mosaïque de plusieurs aires sociales. Un des thèmes de recherches les plus concurrents est l'étude de l'influence que certains facteurs sociaux peuvent avoir dans la délimitation du territoire d'un groupe, de son espace social et de son utilisation.

Ces dernières années, l'activité des géographes s'est beaucoup diversifiée surtout à cause de son orientation essentiellement pratique. La préparation mathématique des nouveaux géographes leur permit d'utiliser un autre type de langage et de raisonnement.

La recherche en Géographie urbaine s'est développée par la Géographie Sociale et la planification et celle-ci fournit un grand débouché aux géographes. La Géographie appliquée apporta des avantages et des inconvénients. Il est vrai qu'elle ouvrit de nouvelles perspectives de recherches mais aussi elle limita le développement de nouvelles théories, la rénovation de méthodologie capable de donner une autre impulsion à la discipline.

SUMMARY

The teaching and research of Geography has been growing in Britain since 1960. The higher education of Geography is carried on in University departments and in Polytechnics. Two research degrees are awarded: *Master* after one or two years and *Ph D* after three. After 1970 the teaching of Geography has mainly developed in Polytechnics but research is still a privilege of the Universities. The financial restrictions imposed by the English government in the field of education considerably hinder the increase in the number of teachers and researchers. Thus, the study of Geography less and less aims at the formation of teachers and a large number of geographers is now engaged in planning, in the central or local administration or in commerce and industry.

After 1960, English geography has been predominantly interested in the accurate, scientific analysis of geographic facts, expressed in a language which is common to other branches of science. The initial stage of the application of a quantitative methodology was characterized by the often indiscriminating adoption of the techniques of statistics used

in other sciences. Later on, in the seventies, geographers are more prepared in mathematics, which allowed them to use sophisticated techniques and to evaluate statistical methods, trying to adapt them to the specific context of Geography. The fact that other sciences were also interested in this field led to interdisciplinary research and exchange among the Universities.

In the late sixties and afterwards, people were specially interested in the quality of the environment, social problems of urbanism and social welfare and several studies on these subjects were published. A Geography of social welfare appeared and a strong critical attitude developed against locative theories and quantitative models. This movement was led by radical geographers who tried to introduce Marxist dialectics into the geographic analysis of society.

Urban social Geography studies the social spaces which constitute the city and reflect individual, social and cultural factors. It has its own objectives which imply a methodology of analysis with special characteristics. There is a tendency towards studies in small scale (microscale) and a deep interest in the study of the social process which accounts for spatial patterns. Urban social Geography has developed along three main lines: A — Studies of perception and image; B — Territorial studies; C — Study of patterns of activity.

The main object of studies of image and perception has been to analyse the process through which individuals mentally build their city and how this image change with the physical environment of the city, with the socio-economic conditions of the individual and with his personal experience. There are two sectors in this image: one is personal and the other is common to other individuals. Social Geography is mainly interested in this collective image, since group images and perceptions allows the establishment of patterns of behaviour which are spatially reflected in the landscape.

Territorial studies have developed according to three main lines: 1) The need of a house as an instinctive, biological necessity; 2) The need of a well-defined territory which the individual identifies himself and where he locates his house; 3) The study of social networks as a determining factor in the identification of the individual with his residential area. Territory is a key concept in the geographic study of human behaviour. Broadly, the individual has three levels of territory — micro, meso and macro-level. The micro-level corresponds to the personal space, the meso-level to family space and the macro-level to social space. Territorial studies have developed considerably, due to social problems arising from urban renewals, the elimination of ghettos and the creation of new residential units.

The studies of patterns of activity have mainly concentrated in aspects of social interaction, the location and use of urban services and transport networks. A place cannot be seen only in terms of its physical conditions, because the social activity of each individual or group gives it different meanings. Each form of social activity defines its own space and the city is constituted by a patchwork of different

social areas. One of the subjects which has attracted social geographers is the research of the role played by certain social factors in the delimitation of the territory of a group, of its social space and its use.

Recently, the activities of geographers became extremely diversified as a consequence of the practical direction of geographical research in England. The mathematical preparation of the new geographers allowed them to use a new type of language and reasoning schemes, which have made interdisciplinary contacts rather easier. Urban research was directed towards social geography and planning, which have attracted a large number of geographers. Applied work has brought with it advantages and disadvantages to this discipline. It has opened new prospects of research by suggesting new subjects, new financing schemes, new interdisciplinary contacts and new jobs; but on the other hand, the interest in applied research has limited the development of theories and methods which might reshape and give new strength to this field of study.

BIBLIOGRAFIA

- BLOWERS, A. (1973) — «The neighborhood: exploration of a concept», *The City as a Social System*, The Open University, Social Sciences, block 2, p. 49-94.
- BUTTIMER, A. (1969) — «Social space in interdisciplinary perspective», *Geographical Review*, 59, p. 417-426.
- CHISHOLM, MICHAEL (1975) — «Trends and evolution of British research in Human Geography», *Human Geography in France and Britain*, I. B. G., p. 19-21.
- CLARKE, JOHN I. (1975) — «The organization of Geographical research in the United Kingdom», *Human Geography in France and Britain*, I. B. G., p. 8-15.
- COOKE, R. U. e ROBSON, B. T. (1976) — «Geography in the United Kingdom 1972-76», *The Geographical Journal*, Vol. 142, Part 1, March 1976, p. 3-22.
- HAGGETT, PETER (1975) — «Mathematics in Human Geography: a personal view of recent liaisons», *Human Geography in France and Britain*, I. B. G., p. 36-39.
- HALL, EDWARD T. (1966) — *The Hidden Dimension*, Doubleday, New York.
- HARVEY, D. W. (1973) — *Social Justice and the City*, Arnold, London, p. 22-44.
- (1975) — «Seminar in Marxist Geography», *Antipode*, vol. 7, n.º 1, February 1975.
- PORTEOUS, J. D. (1971) — «Design with people: the quality of the urban environment», *Environment Behaviour*, 3, p. 155-178.
- POCOCK, D. C. D. (1973) — «Environmental perception: process and product», *Tijdschr. Econ. Soc. Geogr.*, 64, p. 251-257.
- POCOCK, D. C. D. e HUDSON, R. (1978) — *Images of the Urban Environment*, Macmillan Press, London.
- SONNENFELD, J. (1969) — «Personality and behaviour in the environment», *Proc. Ass. American Geographers*, 1, p. 136-140.